

26/5/98 JT  
33 4A

## Quem destrói a Mata Atlântica

Os dados mais atualizados sobre o processo de desmatamento da Mata Atlântica, contidos no "Atlas" preparado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e pela Fundação SOS Mata Atlântica, divulgados na sexta-feira da semana passada, nos fornecem mais uma prova da total falência da "política ambiental" que vem sendo praticada no Brasil. Os estudos, realizados em 9 dos 17 Estados brasileiros, nos quais se concentra 80% do que restou dela, concluíram que, entre 1990 e 1995, foi derrubada mais 5,76% da cobertura remanescente de Mata Atlântica, o correspondente a 500.317 hectares.

O processo de devastação ambiental no Brasil está ligado à herança colonialista que plantou fundo, na alma brasileira, a idéia de colher sem ter plantado. Mas, se isso explica por que o processo caminhou com a violência que caminhou até meados deste século, quando o País ainda era constituído de comunidades ignorantes e quase sem comunicação entre si, não explica por que as coisas não mudaram até hoje, num país totalmente ligado aos meios de comunicação de massa, plenamente consciente do que está acontecendo na área ambiental e com uma população majoritariamente desejosa de deter esse processo.

O que explica o que continua acontecendo é a persistência em uma política ambiental totalmente negativa e pouco inteligente, que exclui a única fórmula que deu certo em todo o mundo que é a de incentivar o uso da natureza conservada de forma a criar uma economia dependente da conservação mais forte que a economia que depende da destruição da natureza.

A única "política ambiental" utilizada no Brasil sempre foi a de tentar reservar áreas específicas, declará-las "intocáveis". Mesmo se houvesse recursos e disposição política para manter a fiscalização necessária para o cumprimento desse objetivo, seria sempre uma luta inglória já que nada é mais fácil do que iniciar um incêndio e criar um fato consumado, destruindo, em poucas horas, o que a natureza levou milênios para construir. Essa política só conseguiu, por isso, criar uma indústria de corrupção que vai

do fiscal aos governantes que os contratam, com as consequências práticas, em termos ambientais, que a imprensa tem noticiado desde sempre.

Nos dias de hoje, onde a tecnologia tira cada vez mais produção de menos área e onde os mercados de *commodities* agrícolas enfrentam o problema de superprodução e de preços em queda, não existe mais pressão pela incorporação de mais área para a agricultura. Nem o MST quer terras na Amazônia. E, quanto à Mata Atlântica, a agricultura é simplesmente inviável nas encostas onde ainda sobrevivem trechos dela. A destruição continua apenas e tão-somente como uma forma fácil para espertalhões enriquecerem colhendo aquilo que nunca plantaram, sob as vistas grossas desse sistema corrupto que "vende" o acesso a essa riqueza fácil.

E tudo isso num mundo onde áreas selvagens são uma raridade que o mercado de turismo ecológico valoriza exponencialmente, especialmente os que envolvem caça e pesca esportivas. Para se ter uma idéia do que estamos jogando fora em troca de carvão vegetal, lenha, andaimes de construção, caixotes e móveis de segunda categoria, basta lembrar que, em todo o mundo, a economia gerada pela exploração de madeira chega a US\$ 20 bilhões por ano enquanto, apenas nos Estados Unidos, a indústria de caça e pesca esportivas e outros esportes dependentes da conservação ambiental movimentam US\$ 170 bilhões por ano.

Se quisessem mesmo garantir a preservação de nossas florestas, o governo brasileiro e as organizações não-governamentais que se dizem empenhadas nessa luta deveriam incentivar o ressurgimento dessa indústria no Brasil, reservando florestas públicas, facilitando e incentivando a prática desses esportes nelas e incentivando proprietários privados a fazer o mesmo, como se faz em todo o mundo. Com bilhões de dólares sendo gerados em função da existência de áreas conservadas e milhões de empregos dependendo disso, conservar a natureza se transforma num negócio tão bom que não é preciso obrigar ninguém a isso.